

AMIT GOSWAMI

CONSCIÊNCIA
QUÂNTICA

alma
dos livros

AMIT GOSWAMI

CONSCIÊNCIA
QUÂNTICA

Tradução de
Francisco Silva Pereira

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

Copyright © 2017 Amit Goswami

© 2020

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *Consciência Quântica*

Título original: *The Everything Answer Book*

Autor: Amit Goswami

Tradução: Francisco Silva Pereira

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Paginação: Gráfica 99

Capa: Patrícia Silva / Alma dos Livros

Imagem de capa: Greg Rakozy on Unsplash

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 467 544/20

1.ª edição: abril de 2020

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

*Dedico este livro aos ativistas quânticos
do nosso mundo – passados, presentes e futuros.
Venceremos.*

ÍNDICE

Agradecimentos	11
Introdução	13
Capítulo 1. Um choque entre duas visões do mundo	21
Capítulo 2. A consciência e a ciência da experiência	35
Capítulo 3. A Física do sutil	57
Capítulo 4. <i>Zen</i> e Física Quântica	75
Capítulo 5. Pensamento, sentimento e intuição	87
Capítulo 6. O mundo dos arquétipos	99
Capítulo 7. O ego e o eu quântico	115
Capítulo 8. Livre-arbítrio e criatividade	121
Capítulo 9. Involução e evolução	139
Capítulo 10. Um conto de dois domínios	149
Capítulo 11. O princípio criativo	163
Capítulo 12. A reencarnação quântica	173
Capítulo 13. O significado e o propósito da vida	193
Capítulo 14. O significado dos sonhos	207
Capítulo 15. A iluminação	215
Capítulo 16. Profissões espirituais; sociedade espiritual	225
Glossário	247
Leitura complementar	253
Sobre o autor	255

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Voice, Inc., pelo convite para ir a Tóquio, e a Masumi Hori, pelos diálogos que tive com ele. Agradeço a Tatiana Hill, por ter transcrito as gravações desses diálogos. Agradeço a Eva Herr, pela respetiva entrevista, e também a muitos outros jornalistas, de cujos nomes não me recordo, pelas suas contribuições. Agradeço a Judith Greentree, por uma leitura minuciosa do manuscrito e por alguns comentários humorísticos que incluí no livro. Devo um agradecimento sincero a Sara Sgarlat, Mimi Hill e Terry Way, pelas suas contribuições. Agradeço à equipa editorial da Hampton Roads, por um maravilhoso trabalho de produção. Agradeço-vos a todos.

INTRODUÇÃO

Quase cem anos se passaram desde a formulação matemática da Física Quântica. Esta foi verificada por inúmeras experiências e os seus conceitos foram aplicados com sucesso em muitas tecnologias. Com efeito, começámos a utilizar o termo «quântico» na nossa comunicação diária – muitas vezes sem compreender devidamente o seu significado mais profundo. No entanto, pese embora a sua integração efetiva na nossa sociedade, a visão quântica do mundo ainda não é totalmente aceite pela comunidade científica, que continua a defender a arcaica visão newtoniana do mundo. Consequentemente, as implicações profundas da perspectiva quântica do mundo ainda não penetraram na mentalidade do grande público. A boa notícia é que, na década de 1990, graças aos esforços de um grupo vanguardista de cientistas renegados, no qual me incluo, esta visão quântica começou a amadurecer e deu origem a um novo paradigma científico abrangente. Um movimento de base conhecido como «ativismo quântico» começou a questionar o ascendente da Física newtoniana sobre o sistema científico estabelecido ao apelar diretamente à sociedade civil. Este livro faz parte desse movimento e da mais recente divulgação popular da visão quântica do mundo.

Uma parte do problema deve-se às circunstâncias. O paradigma newtoniano predominante sempre se revelou repleto de paradoxos. Oficialmente conhecida como materialismo científico, esta visão do mundo propunha que tudo existe apenas como um fenómeno da matéria – movimento material no espaço e no tempo, causado pela interação material. Todavia, os paradoxos implícitos nesta

visão nunca foram resolvidos. Teríamos de esperar pelas décadas de 1980 e 1990 para que o materialismo científico fosse sujeito a um sério escrutínio pela comunidade científica, escrutínio este motivado por novos dados experimentais. Até então, a visão do mundo do materialismo científico fora em muito ajudada pelo distanciamento da Física em relação a uma abordagem europeia de orientação filosófica, em favor da mais pragmática abordagem estadunidense que se seguiu à Segunda Guerra Mundial. Antes da década de 1950, o materialismo científico encontrava-se firmemente entrincheirado nas disciplinas da Física e da Química, ou seja, na ciência dos objetos inanimados. Mas depois desta década também começou a dominar no campo da Biologia (que se tornou Química), das Ciências da Saúde (que se tornaram quase «mecânicas») e, por fim, da Psicologia (que se transformou em Neurociência Cognitiva).

A segunda parte do problema foi o inadvertido empenho de alguns cientistas bem-intencionados que pretenderam encerrar o mais depressa possível o debate em torno do significado da Física Quântica. Como tal, foi encontrado um compromisso – famosamente (infamemente, diria eu) apelidado de Interpretação de Copenhaga. Esta interpretação teria como pioneiro o famoso e amigável Niels Bohr, alguém que todos os físicos (inclusive eu) veneravam.

O ponto central da Interpretação de Copenhaga tem o nome de «princípio da complementaridade», o qual, na sua forma mais popular, se encontra simplesmente errado, tanto teórica como experimentalmente. A Matemática Quântica diz inequivocamente que os objetos quânticos são ondas. Mas é claro que as experiências nos dizem que eles também são partículas. Como pode o mesmo objeto ser uma onda – algo que se difunde – e uma partícula – algo que segue uma trajetória definida? A versão popular do princípio da complementaridade resolve este paradoxo onda/partícula ao afirmar que os objetos quânticos são simultaneamente ondas e partículas. O aspecto onda revela-se nas experiências de medição de ondas; o aspecto partícula revela-se nas experiências

de medição de partículas. Mas nenhum deles figurou na mesma experiência, pelo que são denominados complementares.

Todavia, a resposta correta ao paradoxo da dualidade onda/partícula – tanto teórica como experimentalmente – é esta: os objetos quânticos são ondas de possibilidade que residem num domínio de realidade exterior ao espaço e ao tempo – o chamado domínio da potencialidade. Sempre que medimos estes objetos, eles revelam-se como partículas no espaço e no tempo. Como tal, tanto o aspeto onda como o aspeto partícula de um objeto *podem*, de facto, ser detetados numa única experiência. Infelizmente, a versão popular do princípio da complementaridade, que criou a impressão de que os aspetos onda e partícula de um objeto existem, *ambos*, no espaço e no tempo, levou ao engano uma ou duas gerações inteiras de físicos, os quais fecharam a sua mente aos elementos realmente radicais da Física Quântica. Com efeito, a Física Quântica insiste numa realidade de dois níveis, não na realidade única espaciotemporal da Física newtoniana e do materialismo científico. Além disso, a Física Quântica não pode livrar-se dos paradoxos sem invocar explicitamente a consciência.

Mas, obviamente, foi o papel da consciência que manteve o paradoxo vivo – não na corrente dominante, mas sob uma forma com o seu quê de culto. Na década de 1980, uma experiência de Alain Aspect e de colaboradores seus resolveu a questão de um domínio dual *versus* um domínio unitário da realidade, ao distinguir o domínio da potencialidade do domínio espaciotemporal. No primeiro, não é necessário nenhum sinal para que exista comunicação: tudo se interconecta instantaneamente. Em contraste, no espaço e no tempo, os sinais, que se movem sempre com uma velocidade não superior à da luz, medeiam a comunicação, que acontece sempre em tempo finito.

Mas o que é que significa isto: no domínio da potencialidade, tudo se interconecta instantaneamente? Simplesmente que, no domínio da potencialidade, tudo é uma única entidade. Num artigo científico publicado em 1989 e novamente em 1993 em *The Self-Aware Universe*, cheguei à proposição que resolvia o

paradoxo, segundo a qual o domínio da potencialidade é a *nossa consciência* – não sob a forma da consciência comum do ego, mas de uma consciência superior na qual todos somos um. Na consciência manifesta separamo-nos, em parte por causa da necessidade de uma diferenciação de outros objetos (a distinção sujeito/objeto) e em parte por causa do nosso condicionamento individual. Eu também propunha que esta consciência única superior é causalmente potenciada pela *causação descendente* – a capacidade de escolher entre as muitas facetas de uma onda de possibilidade. É a escolha consciente que transforma as *ondas* de possibilidade em *partículas* de realidade.

O filósofo e cientista Willis Harman, então presidente do Institute of Noetic Science (IONS), apoiou bastante o meu trabalho, de tal forma que me convidou a escrever uma monografia sobre a minha investigação. Esta nova investigação não tardou a criar uma nova ciência – a «ciência dentro da consciência», um termo que mais tarde descobri já estar em voga graças a Harman. Uma monografia com o mesmo nome seria publicada pelo IONS em 1994.

O progresso neste campo foi rápido e sempre acompanhado de estranhas coincidências de sincronicidade junguiana. A primeira: durante um *talk show* na rádio, uma senhora de idade telefonou e fez-me esta pergunta: o que é que acontece quando morremos? Eu não sabia como lhe responder sem recorrer a jargões culturais, pelo que me deixei ficar calado. Depois, um teosofista – alguém que acredita na reencarnação – frequentou um curso que dei sobre o meu livro, mas acabou por me falar essencialmente na reencarnação. Mais tarde, tive um sonho do qual acordei com a recordação desta advertência: *O Livro Tibetano dos Mortos* está certo: cabe-te a ti prová-lo. Finalmente, uma pós-graduanda em Filosofia telefonou-me e pediu-me que a ajudasse a fazer o luto e a superar o impacto da morte do namorado. Foi enquanto conversava com ela, e tentava teorizar a respeito daquilo que sobrevive de nós após a morte, que comecei a considerar a possibilidade de uma ciência de *todas* as nossas experiências: o sentir material (sensação), o sentir vital

(energia), o pensamento mental (significado) e as intuições supra-mentais (arquétipos como o amor e a verdade). A partir desta base, desenvolvi uma teoria sobre a sobrevivência depois da morte e a reencarnação. Logo em seguida, recebi um telefonema do autor e editor Frank de Marco, que me pedia que escrevesse um livro sobre a minha mais recente investigação. Este seria publicado 2001 sob o título *Physics of the Soul*.

A biofísica Beverly Rubik telefonou-me em 1998 e pediu-me um artigo sobre a minha investigação para uma antologia que ela estava a compilar. Em 1999, juntei-me a um grupo de trinta pensadores do novo paradigma numa conferência com Tenzin Gyatso, o dalai-lama, em Dharamsala, na Índia. Esta conferência revelou-se turbulenta. Primeiro, o físico Fred Alan Wolf e eu tivemos uma batalha verbal sobre qual a abordagem do novo paradigma que estava correta. Outros juntaram-se à batalha: os organizadores queixaram-se ao dalai-lama. Ele limitou-se a rir e disse: «Os cientistas serão sempre cientistas.» Depois de estabelecida a paz, o dalai-lama pediu-nos que aplicássemos o nosso novo paradigma a questões sociais, e isto despertou a minha atenção. Quando regresssei aos Estados Unidos, escrevi o artigo que Beverly Rubik me tinha pedido, aplicando a Física Quântica à saúde e à cura. Aqui, desenvolvi uma teoria daquilo a que Deepak Chopra chamara «cura quântica» – a cura espontânea sem intervenção médica.

Sensivelmente pela mesma altura, visitei o Brasil, onde um jovem me perguntou se eu conhecia Deepak Chopra. Quando lhe disse que não, ele disse: «Posso resolver isso.» Pouco depois, recebi um convite para visitar Deepak em San Diego. Ele acabara de publicar o seu livro *Perfect Health* (2000), que discutia o *Ayurveda*, um sistema de cura alternativo da Índia. Ele ofereceu-me um exemplar e pediu-me que o lesse.

Como resultado, acabei por provar a validade científica de uma ideia que os praticantes das medicinas alternativas vêm utilizando há milénios. Uma vez que somos mais do que o nosso corpo físico, as doenças do nosso corpo «subtil» também podem ser responsáveis por doenças físicas, em particular pelas doenças crónicas. E, como

tal, é possível uma abordagem da cura não só por via do tratamento dos sintomas físicos, mas também se abordarmos o problema na sua fonte mais subtil.

Os profissionais das ciências da saúde, físicas e mentais, lidam com seres humanos de carne e osso. Como tal, nem sempre aprovam entusiasticamente o modelo alopático da medicina – o modelo mais «mecânico» que emergiu do materialismo científico. Quando escrevi *The Quantum Doctor* (2004), que tratava da integração da medicina convencional «mecânica» noutras medicinas alternativas mais humanas, a visão quântica do mundo começava a ganhar alguma força entre os praticantes das medicinas alternativas e até entre alguns alopatas de vanguarda. Deepak ficou tão entusiasmado com o livro que acabaria por escrever o prefácio de uma edição posterior.

A medicina baseia-se na biologia, pelo que, para relaxar a pressão que o materialismo científico exerce sobre a medicina, temos de introduzir a consciência na biologia. Comecei este trabalho na década de 1990 e, em 2008, propus uma teoria científica da evolução baseada na consciência, no meu livro *Creative Evolution*. Esta teoria explica as lacunas fósseis e a «flecha do tempo» biológica necessária para que a evolução passe da simplicidade à complexidade – dois importantes dados que o darwinismo e as suas ramificações não conseguem explicar. Em *Creative Evolution*, integrei também ideias de Sri Aurobindo e de Teilhard de Chardin sobre o futuro da Humanidade segundo uma abordagem científica. Baseei-me em ideias desenvolvidas por Rupert Sheldrake a respeito dos campos morfogenéticos («programas» sobre os quais se criam as formas biológicas), trazendo-os para o campo mais abrangente da ciência dentro da consciência.

O sistema estabelecido da Biologia, todavia, tem-se mostrado muito resistente à influência da Física Quântica, embora a Biologia Quântica esteja a ganhar terreno gradualmente graças aos trabalhos empíricos sobre Epigenética e aos livros populares de biólogos como Bruce Lipton, Mae Wan Ho e outros.

Em 2009, decidi acelerar esta mudança de paradigma com a fundação de um movimento chamado «ativismo quântico». O meu

objetivo era popularizar a perspectiva quântica do mundo ao reunir um grupo de pessoas empenhadas na transformação de si mesmas e das suas sociedades através da prática dos princípios quânticos. Isto despertou alguma atenção não só nos EUA, mas também no Brasil, na Europa, na Índia e no Japão, e até no Médio Oriente. Em 2014, desloquei-me ao Japão para um extenso diálogo sobre a visão quântica do mundo e o ativismo quântico com o erudito, empresário e filósofo japonês Masumi Hori, um diálogo no qual assenta grande parte deste livro. Acrescentei outras entrevistas, em especial uma com a escritora Eva Herr.

O resultado é uma espécie de Física Quântica para Principiantes Não-Cientistas. Contém elementos de todos os meus trabalhos anteriores e espero que inspire o leitor a tornar-se um ativista quântico. Espero convencê-lo de que a investigação da consciência e a compreensão da visão quântica do mundo são o futuro da ciência. Trata-se da base de um novo paradigma que nos pode levar à resposta para tudo.